

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.

*Camila Lima Coimbra**

O livro “Currículo: teoria e história”, escrito pelo professor Ivor F. Goodson, constitui uma coletânea de artigos e ensaios cujo tema central retrata a importância da história do currículo para o estudo da escolarização.

A apresentação realizada por Tomaz Tadeu da Silva explica a seleção das produções do autor editadas nesta coletânea, com a preocupação de não sobrecarregar a leitura com detalhes específicos da situação inglesa, transformando o livro em um material de grande valia para os educadores brasileiros. Ainda na apresentação, Tomaz Tadeu contribui com a descrição da história do Currículo na Inglaterra a partir de Michael Yong, na primeira fase da Nova Sociologia, percorrendo discussões latentes acerca do conteúdo tematizado no livro.

Considera que

“uma história do currículo tem que ser uma história social do currículo, centrada numa epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado.” (p.10)

É nessa perspectiva que se enquadra o livro de Goodson, tentando demonstrar que o currículo educacional que existe hoje é fruto de uma construção histórica em que estiveram presentes conflitos sociais, rupturas e ambigüidades.

O capítulo 1 define currículo entendendo-o como fundamental para o estudo da escolarização e ainda concentra-se na definição de currículo pré-ativo, pois, segundo o autor, tal confecção de currículo irá aumentar o nosso entendimento dos interesses e influências atuantes nesse nível, além de estabelecer parâmetros para a ação e negociação interativa no ambiente da sala de aula e da própria escola.

* Mestranda em Educação Brasileira na Universidade Federal de Uberlândia e professora da UFG - Campus Avançado de Catalão.

Norteador por esse mapeamento inicial, o autor recupera alguns exemplos empíricos para demonstrar que o currículo pré-ativo deve ser encarado como uma construção histórica e social, pois, se concebido de outra forma, torna-se a invenção de uma tradição, ou seja, algo pronto e acabado, fácil de reprodução e mistificação tanto na forma quanto no conteúdo.

No segundo capítulo, o autor realiza uma retrospectiva histórica na perspectiva de compreensão da origem e significado de currículo no que se refere a sua etimologia e epistemologia.

“...O conceito de currículo como seqüência estruturada ou disciplina provém, em grande parte, da ascendência política do Calvinismo. Ou seja, desde esses primórdios, houve uma relação homóloga entre currículo e disciplina, aliando o currículo a uma nova ordem social, onde alguns recebiam uma escolarização avançada e outros um currículo mais conservador.” (p.43)

Em contrapartida, Goodson aponta como alternativa o interesse dos educadores em estabelecer uma prática e um currículo igualitários, com a necessidade do diálogo, defendendo a reconstrução do conhecimento e do currículo.

Na primeira parte do capítulo 3, discute a relação entre currículo e a teoria curricular, entendendo que ambas são interligadas, porém o elo raramente é perfeito, já que as teorias historicamente comprovadas são muito distantes da realidade (alienadas).

Dessa forma, apresenta duas perspectivas, uma evidenciada nas décadas de 1960 e 1970, quando a ideologia tecnocrática presente na escolarização americana influenciou a teoria prescritiva do currículo. A outra, explicitada na oposição de educadores que defendiam uma visão de educação preferencialmente libertadora e estimuladora. Ou seja,

“Queriam, acima de tudo, mergulhar na ação, e não na teoria.” (p.49)

Para Goodson, as duas tendências, uma que privilegia a teoria e a outra que privilegia a prática, conduzem a uma visão simplista e a-histórica do processo.

“Tanto os teóricos prescritivos quanto os de tendência ativa ignoraram o que é, pois estavam em busca do que pode ser...” (p.51)

Nessa perspectiva, o autor cita exemplos históricos do apoio da teoria curricular como prescrição e da reação à teoria da alienação, concluindo ser necessária uma teoria de contexto que justifique a ação, uma teoria sobre como atuam, reagem e interagem as pessoas envolvidas na contínua produção e reprodução de currículo.

O capítulo 4 enfatiza, inicialmente, o quanto o estudo sobre currículo vem sendo, segundo o autor,

“multifacetado, construído, negociado, renegociado em vários níveis e campos.” (p.67)

Tentando modificar tal situação/realidade, Goodson sintetiza a necessidade de compreensão do currículo não como prescrição, mas sim como construção social. Dessa forma, define o currículo como prescrição explicitando as relações de poder evidentes através da história do currículo.

Nesse sentido, considera que os governos centrais, as burocracias educacionais e as comunidades universitárias é que controlam tal currículo, exemplificando, através da relação escola/ universidade, o saber público e o saber universitário.

Após apontar os entraves existentes na história do currículo, o autor apresenta a solução na perspectiva construcionista social do currículo.

“Uma fase culminante no desenvolvimento de uma perspectiva social construcionista seria desenvolver estudos que integrassem, neles próprios, estudos sobre construção social, tanto em nível pré-ativo como no nível interativo.” (p.79)

O que se exige é uma abordagem combinada, um enfoque sobre a construção de currículos prescritivos e política, combinada com uma análise das negociações e realização desse currículo prescrito, voltado para a relação essencialmente dialética dos dois.

É nesse capítulo que o autor define melhor a sua posição como um programa para a história do currículo, apontando caminhos para a modificação e reestruturação. Para tanto, considera que na pesquisa curricular existe uma série de enfoques acessíveis ao estudo construcionista social: enfoque individual,

enfoque de grupo ou coletivo e enfoque relacional, que deve entender a necessidade de associação entre currículo pré-ativo e interativo. Concluindo, afirma que

“precisamos buscar e desenvolver enfoques integradores para o estudo construcionista social”. (p.79)

O capítulo 5 se inicia com uma pergunta: já que o currículo é confessadamente uma construção social, por que em alguns estudos sobre a escolarização esse construir social é um dado atemporal?

Tentando responder, o autor busca a discussão da teoria do currículo escolar numa perspectiva construcionista social, embasada nos conceitos de mentalidades (Escola de Anais de Historiadores) para exemplificar as dicotomias, conexões e complexidades incorporadas à forma curricular.

Demonstra, através de quadros, a forma como se estruturou o currículo na Grã-Bretanha, levando em consideração as “aptidões sociais” dos alunos.

“No período histórico aqui considerado, pode ser nitidamente percebido o deliberado estruturar-se de uma escolarização estatal em que a cabeça tenha a preferência sobre as mãos. A forma acadêmica do currículo era sistematicamente favorecida pela máquina de recursos e finanças. Por isso, um modelo que priorizava certos grupos sociais era substituído por um processo aparentemente neutro que priorizava determinadas formas de currículo. Todavia, embora tenha mudado o nome, o jogo era quase o mesmo. Entretanto, a internalização da diferença camuflou efetivamente esse processo social de preferências e privilégios.” (p.98)

Com uma descrição pessoal do autor sobre a experiência escolar na Grã-Bretanha, Goodson inicia o sexto capítulo, explicitando sua origem camponesa operária e perguntas que fazia desde pequeno já desmascarando as diferenças sociais existentes. “Por que tínhamos que caminhar a pé mais de três milhas até a escola? Por que papai trabalhava tanto?”

O autor relata a sua escolarização, inclusive a sua passagem para a escola secundária, “grammar school” (exceção, já que advinha da classe popular), onde sempre questionou o currículo institucionalizado (prescritivo).

Tendo em vista sua experiência pessoal, Goodson revela a necessidade do estudo das origens da escolarização e análise para o surgimento das matérias escolares, desenvolvendo, assim, um programa de estudo que leve em consideração o currículo como conflito social.

Dessa maneira, demonstra através de exemplos empíricos como a história do currículo da música e de ciências comprovou ora o privilégio do currículo pré-ativo, ora do currículo ativo. Assim, Goodson define o currículo escrito e o currículo ativo, exemplificando o perigo em privilegiar apenas um dos dois em qualquer análise que se queira realizar.

Finaliza dizendo:

“A batalha para definir um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discurso de ordem intelectual. A história dos conflitos do passado em relação ao currículo precisa, portanto, ser recuperada. Caso contrário, os nossos estudos sobre escolarização deixarão sem questionamento e sem análise um série de prioridades e hipóteses que foram herdadas e deveriam estar no centro do nosso esforço para entender teoricamente e operacionalizar na prática a escolarização.” p.113)

No capítulo 7, o autor demonstra o gradativo aumento de interesse pelos estudos sobre a história do currículo, principalmente na escola secundária, nos EUA, Grã-Bretanha e Austrália.

Goodson considera salutar tal interesse, por acreditar que a história do currículo procura explicar como as matérias escolares, métodos e cursos de estudo constituíram um mecanismo para designar e diferenciar estudantes. Ou seja,

“(...) oferece pistas para analisar as relações complexas entre escola e sociedade”. (p.118)

Para exemplificar tal posicionamento faz uma análise comparativa entre a história da psiquiatria do hospício no século XIX e a história da biologia como matéria escolar. Nessas duas situações procura evidenciar as relações de poder, os conflitos, o que foi o processo de um resultado curricular tanto para o curso de Psiquiatria quanto para o curso de Biologia.

O ponto chave do autor nesse capítulo é a demonstração empírica de realidades históricas no sentido de comprovar a necessidade de incorporação

do currículo como objeto de estudo da História da Educação.

A linguagem utilizada por Goodson valoriza o livro, fazendo da leitura um ato prazeroso. Acredito que esse livro, apesar de tão voltado para a realidade inglesa, torna-se um instrumento fundamental para a compreensão da dimensão histórica e social do currículo escolar.

Os exemplos históricos citados pelo autor no decorrer do livro tornam a compreensão mais eficaz, além de facilitarem a relação com a história da educação brasileira, no sentido de se compreender as várias facetas no que se refere à teoria e à história do currículo.